

QUESTÕES DE VIDA – 62

Muito Obrigado, António

Já, por várias vezes, chamamos a atenção para a importância das “pequenas-grandes” coisas. Pequenas, porque, de facto, em si mesmas, o são; grandes porque são decisivas em muitas coisas e em muitas circunstâncias. É um gesto, um olhar, uma palavra, um silêncio, uma intervenção muito curta, mas deveras importante e de efeitos inesperados.

Quer na casa de meus pais, (a minha primeira e melhor escola), quer no Seminário (a minha segunda e melhor família), sempre ouvi dizer: “dos outros, se não pudeses dizer bem, cala-te”. Como é tão importante e tão difícil observar esta recomendação e pedido! Como tudo, eu incluído, seria diferente e muito melhor, se levássemos a sério aquele princípio.

Ninguém, absolutamente ninguém, vive e sobrevive sem amigos, e a amizade, seja qual for e a que nível for, exige necessariamente a relação humana que se pretende sempre séria e sincera, franca e amável, verdadeira e desinteressada.

Neste mundo de jogos e mentiras, de invejas e ciúmes, de adulação e hipocrisia, como é difícil a sadia e frutuosa relação humana. Não admira, por isso, que a Escritura Sagrada diga que quem encontrou um amigo, descobriu um tesouro. (Ecl^o.6,14-15).

De há uns anos para cá, na segunda quinzena do mês de Julho, acontece a Feira do Livro em Viana do Castelo, na Avenida Marginal.

Embora agora decorram na Biblioteca, havia a chamada “Tenda das Tertúlias” por onde, cada noite, passava um dos maiores representantes da lusofonia, para uma comunicação e colóquio, abertos a todos. Nessa noite, coube a vez a António Lobo Antunes. Cheguei mesmo quase ao fim, nos últimos minutos do colóquio daquela noite, mas o suficiente para ouvir e guardar, para sempre, uma das mais belas lições da minha vida.

A atribuição do Prémio Nobel a José Saramago era recente e as relações entre os dois eram tais que, um determinado dia, António Lobo Antunes se recusou a voar de Paris para Lisboa, no mesmo avião em que viajava José Saramago.

Últimos minutos e a última pergunta de um dos participantes:

- António, qual é a sua opinião sobre o nosso prémio Nobel?
- Sobre isso, não me quero pronunciar.
- Mas, sendo um Prémio Nobel das Letras, não se lhe oferece dizer nada?
- Não, não tenho nada a dizer.

- António, mas sendo dois grandes escritores, conhecidos e reconhecidos, nacional e internacionalmente, do mesmo país e da lusofonia, não lhe parece estranho e pouco edificante não se entenderem?

Com a mesma calma, a mesma serenidade e o mesmo tom de voz, de uma forma clara e precisa:

-“ Sobre essa pessoa, não tenho nada a dizer.”

Muito obrigado, António. Muito obrigado.

P. António Belo, 2015